

Os quadrinhos no Piauí a partir da perspectiva do desenhista Bernardo Aurélio

Por
Layza Mourão
Nayara Venâncio

Bernardo Aurélio é um quadrinista e desenhista piauiense, criador de obras como Máscara de Ferro e Foices&Facões, baseada na Batalha do Jenipapo, uma das batalhas mais sangrentas já registradas no Brasil colônia. O comic book tem 152 páginas e é uma realização dos irmãos Caio Thiago (arte) e Bernardo Aurélio (roteiro, arte final e editoração). Formado em História, hoje ele é empresário e atua como gerente da Livraria Quinta Capa Quadrinhos, na cidade de Teresina. Bernardo conversou conosco em sua livraria, que fica localizada na Zona Leste da capital.

1. Existe o ditado que diz “quem muito lê escreve bem”. Esse foi o seu caso? Você lia muito quando criança/adolescente?

Bernardo: Eu já tive elogios a minha escrita. Dentro do Mestrado tive um elogio que vou levar comigo, do professor Francisco, de História, e ele é bem crítico. É sempre chato você dizer se escreve bem ou não. Eu tenho alguns elogios ao Máscara de Ferro, que fiz uma versão romanceada. Pessoalmente, gosto do que escrevo, mas sinto muita dificuldade, eu escrevo pouco. Agora dentro dos quadrinhos tem uma maneira como escrevo e o que me ajudou bastante foi a minha formação em História para o Foices e Facões. Foram seis meses para escrever, porque tinha toda a parte de pesquisa, leitura, fichamento. Foi um trabalho de historiador também. Não foi só um trabalho de romancista, por assim dizer.

2. Como se deu a produção de Foices e Facões? Pode-se dizer que foi uma conclusão de pesquisa em formato de história?

Bernardo: Eu tenho formação em História, e o primeiro contato com o Foices foi através da escrita do Monsenhor Chaves, lendo os textos dele na Universidade, lá mesmo eu já gostei da escrita dele, é bem visual, fotográfica e bem didático. E lá na Universidade, por volta de 2000 e 2001, tendo contato com esses textos, germinou a ideia de fazer algo em quadrinhos. Quando eu saí da Universidade, fui trabalhar na Fundac e vi a encenação da peça de teatro que era escrita pelo Araci Campelo, e a peça também me inspirou muito. Trabalhando na Fundac e vendo a peça retomei essa ideia de escrever o quadrinho. Fiz o projeto para o Governo do Estado e foi aprovado. E o processo todo foi em um ano: quatro meses de pré produção, seis meses de desenho e dois meses de pós produção. Eu fui a Parnaíba, Oeiras, Campo Maior e todos os lugares que eu achava interessante visitar, para ter essa experiência.



(Bernardo Aurélio. Foto: Nayara Venâncio)

3. Antes da criação do Foices e Facões em quadrinho existiu a versão em prosa, tal qual um romance. Como se deu esse processo de ter uma versão em prosa antes da versão em quadrinhos?

Bernardo: Eu não tenho o costume de escrever um romance. Já escrevi algumas coisas em prosa, mas o Foices, como eu não tinha prática de escrever um roteiro, e eu ia trabalhar com meu irmão. Normalmente faço o quadrinho fazendo o esboço direto e vou rabiscando as páginas e colocando os textos ali, os diálogos. Então a prosa em si não existe quando trabalho na construção de um roteiro de quadrinho. A primeira versão do roteiro, é uma versão romanceada, é como se fosse uma versão em prosa que, inclusive, depois serviu de base para criar o roteiro da peça de teatro da Batalha do Jenipapo. O meu quadrinho foi adaptado para o teatro. Se eu não me engano, teve quatro ou cinco adaptações, e o roteiro foi meu. Eu peguei o quadrinho, a versão romanceada, e transformei numa peça de teatro, que eu nunca tinha feito. Eu tinha de fazer isso porque eu escrevi o roteiro, mas quem desenhou o Foices e Facões foi o meu irmão Caio. Então ele precisou dessa linha para criar os desenhos do jeito que eu levei a narrativa.

4. Qual a sua opinião sobre as adaptações literárias para quadrinhos? Teria vontade de fazer alguma?

Bernardo: Eu tentei adaptar o “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo, fiz todo o trabalho de adaptação, layout com quase 160 páginas de rabiscos. Só que no ano em que eu estava trabalhando com essa ideia, saiu duas adaptações por editoras grandes aqui do Brasil e aí deixei na gaveta. Também tentei adaptar “Ulisses entre o amor e a morte”, do O.G Rêgo, cheguei a ir a casa dele, ele já não conversava mais direito, balbuciava, então conversei mais com a esposa. Deixei o projeto lá, mas depois a esposa disse que ele não se interessou. Pretendo procurá-la de novo, fico triste porque não recebi o aval o próprio O.G, mas se ela, que hoje é a detentora dos direitos permitir, farei todo prazer. Tenho todo o interesse em adaptar “Ulisses entre o amor e a morte”. Por conta dessa

desistência do O.G, eu fiquei interessado em “um Manicaca”, do Abdias Neves. Se você for no x da questão, vai entender que a ciência e a razão são um discurso que precisam ser levantados, e o livro bate muito nisso.

5. Pode nos dizer um pouco sobre a História da Feira HQ do Piauí de 1999 até 2013. Há alguma perspectiva de retorno dessa Feira?

Bernardo: A feira começou de um grupo de pessoas que se reunia numa banca de revista no centro da cidade. E a gente se reunia lá para falar de quadrinho, levar os desenhos, era uma época que não tinha internet, que não tinha redes sociais, então pra você conversar com quem gostava de quadrinhos, tinha que encontrar pessoalmente. Levar os desenhos embaixo do braço e mostrar pra eles, e fazer esse bate papo. E foi desse grupo que surgiu a ideia, com a Ana Kelma Cunha Gallas, que descobriu e tentou organizar o grupo, criou uma associação e organizou as duas primeiras feiras em 1999, ainda. Eu frequentava a banca mais como curioso, e participei das feiras, expus e vendi revistinha minha, foi um contato legal, porque lá eu descobri os primeiros fanzines, eu vi gente fazendo fanzine, tive o primeiro contato com sebo, e essa experiência de vender revista, comprar, trocar. Frequentava os sebos daqui, mas não como vendedor, e lá eu tive esse primeiro contato, que acabou reverberando a minha vida hoje, que é vender quadrinhos. Aí em 2000 não teve nada, em 2001 eu conversei com um primo, e nós começamos a fazer a partir da terceira. Os dois primeiros não se chamavam “Feira HQ e Segunda Feira HQ”, então o primeiro que eu fiz, já foi a terceira, porque quis dar continuidade. Aí a partir da terceira o grupo foi crescendo, fui conhecendo novas pessoas que foram me ajudando durante muito tempo, principalmente o Pikachu, que é o Antônio Luis; a Ana Carolina, que é a mulher dele; a Maria Luisa, e várias outras pessoas que ajudaram. Sempre cito esses três porque são os mais próximos, mas a feira tinha uns 20 apoiadores e colaboradores. Eram eventos gratuitos, e tudo era feito pela vontade de fazer o evento, de está com o grupo. A partir da sexta edição a gente começou a ganhar uma graninha, porque começamos a participar de editais de cultura, já fomos premiados 4 vezes nos editais do BNB.

6. Muita gente guarda as Comic-Con's (de qualquer lugar do mundo) na memória por conta da passagem de grandes astros do cinema e da televisão pelos auditórios, mas poucos se lembram que esses eventos só começaram por conta dos quadrinistas que se reuniam para mostrar seus trabalhos e que esse espaço esconde uma grande parte da experiência vivida li. Como foi a participação da Quinta Capa no Beco dos Artistas na CCXP 2018? Pretendem voltar a participar quando os eventos presenciais forem liberados?

Bernardo: Sim, a gente pretende sim. Como o último foi em 2018, a gente precisava voltar lá no ano passado. Não é fácil entrar, ser selecionado, tem muita gente, é caro para você sair daqui e ir passar uma semana levando esse material, porque quadrinho pesa muito, enfim, a logística de estar lá é complicada. Por sorte, a gente ficou hospedado há dois quarteirões do nosso vizinho de mesa, são 600 mesas no evento, e o “cara” que estava sentado do nosso lado ia e vinha dividindo alguns custos com a gente. É uma coisa bem bacana. O evento é muito metódico, e quando você vai como mesário,

eles não querem que você saia da mesa, então era eu e meu irmão, e em momento nenhum, a mesa podia ficar sozinha. Tinha os fiscais de mesa (risos). Teve um momento em que a Sophie Turner estava lá, a atriz de Game Of Thrones, e eu fui até lá perto pra ver, mas eu só vi o laranja do cabelo dela (risos) “oh, ali é o cabelo dela” (risos). Só. Fora isso, o Mike Deodato, que é um dos desenhistas mais importantes do Brasil, estava sentado na minha frente, então se você considerar o que realmente importa pra você, se você tá indo pra lá pra ver os quadrinistas, você vai ter muita facilidade no Beco dos Artistas, mas se você está indo pra ver os artistas de Hollywood convidados, você vai pegar uma fila de 3 ou 4 horas e talvez não chegue perto o suficiente. Então, cada um com suas prioridades.



(Bernardo Aurélio. Foto: Nayara Venâncio)

7. Como foi a sua indicação ao 22º Troféu HQMix 2010 como roteirista estreador por Foices e Facões e como foi ganhar o 32ª edição do Troféu HQMix por publicação independente de grupo por VHS – Video Horror Show 10 anos depois ?

Bernardo: Entre os piauienses eu fui o terceiro a ganhar um Troféu HQMix. Os primeiros foram Amaral, com a revista independente Hipocampo nº 02, que ganhou o prêmio 13º troféu HQ Mix em 2000 e o Salão de Humor do Piauí como evento. Esse troféu de agora, do VSH- Video Horror Show, foi um trabalho coletânea que surgiu quando a gente foi pra CCXP em 2018. Eu e meu irmão fomos os únicos piauienses que participaram da CCXP em São Paulo e lá você tinha seiscentos desenhistas e seicentas mesas expondo trabalhos no Beco dos Artistas. E meu irmão conheceu um pessoal lá e recebeu um convite para participar de uma coletânea de horror e essa foi uma outra experiência como roteirista. Primeiro com Foices e Facões e agora pelo VSH, mas o

argumento do roteiro era de um cliente meu que andava aqui na livraria, o Felipe Aires, e eu até reclamei com o pessoal da revista que não deu o crédito dele, pois ele vinha aqui e a gente ficava conversando e eu dava dicas de roteiro pra ele e então o argumento original é meu e dele. Ele já havia feito um roteiro para concorrer em outro concurso de uma editora chamada Draco e inspirado em Lovecraft e terror, mas o roteiro não foi aprovado. Então eu falei “Felipe eu quero fazer um quadrinho inspirado no roteiro que tu escreveu, mas eu vou fazer todas as modificações que eu quiser na história e eu te dou o crédito como o argumentista original”. E então nós ganhamos e esse prêmio é meu, do meu irmão, do Felipe e mais umas, sei lá, 40 pessoas que fizeram parte dessa coletânea, de 10 ou 12 histórias e cada história tem duas ou três pessoas envolvidas.

8. Como o Universo dos Quadrinhos pode crescer no Piauí?

Bernardo: Eu acho que com a volta de um evento. Um evento que tenha um Beco do Artistas em que os artistas possam se encontrar e se reunir, seja um evento Regional ou Nacional para que as pessoas daqui percebam o que as pessoas lá foram estão fazendo. Não é brincadeira não, mas se você parar pra pensar quem é que publica quadrinho? Pouquíssimas pessoas publicam quadrinhos no Piauí. Então, primeiro a realização de evento e segundo caminho é a publicação de mais quadrinhos no Piauí. Talvez tenham gente publicando na internet em sites, online e com certeza tem gente que a gente não conhece, mas aqui no cenário piauiense não conheço ninguém além de mim e do meu irmão que publica e imprime quadrinhos no Piauí. Por exemplo, o Leno Carvalho é um desenhista fantástico que trabalha para fora e ele não tem trabalho autoral e não imprime nada. Então o “The Rift” quadrinho que ele desenha, a gente imprimiu/publicou. Nós entramos em contato com os escritores nos Estados Unidos para imprimir, senão o Leno não teria nada impresso aqui no Piauí. E tem gente que só publica quando vai pra um evento e não tem continuidade. Mas cada um tem que dar seus pulos pra publicar, fazer uma catarse e publicar nem que seja online pra você criar público.



(Obras a venda na Livraria Quinta Capa Quadrinhos. Foto: Nayara Venâncio)

9. Quando a imaginação vira traço?

Bernardo: Eu sou muito impaciente. Para eu desenhar eu tenho de ter um horário pra desenho. É questão de organização de tempo. Tive suspeita de Covid19 e fiquei 10 dias isolado no quarto e de repente me dei conta que tinha um quadrinho para continuar que estava parado há seis meses e em três dias eu fiz 12 páginas. Ou seja, se eu tiver um dia da semana para desenhar, já tinha história escrita. Eu não sou um escritor profissional. Eu sou muito intuitivo. Começa como uma brincadeira e vai fluindo. Foices & Facões teve uma fonte histórica e às vezes eu escrevia por cena, tinha um prazo a cumprir então foi uma criação diferente do Máscara de Ferro, por exemplo. É como aquele ditado é 1% arte e 99% transpiração. Quadrinho é muito meticoloso, cena a cena e parte mais difícil é criar o layout da página.

10. Indique 5 HQs com “H” maiúsculo.

Bernardo: Rabibi de Craig Thompson, Diomedes de Lourenço Mutarelli, Promethea de Alan Moore, Batman Ano Um de Frank Miller, Mangá: Nausicaä do Vale do Vento de Hayao Miyazaki, Mágico Vento de Bonelli.